

Entrevista com Renata Maia-Pinto: “Combate à pedagogia do modelo único”

Ev'Angela Batista Rodrigues de Barros¹

Mestre e Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, graduada em Pedagogia (habilitações em Administração Escolar, Formação de Professor de Pré-Escola e Magistério), **Renata Maia-Pinto** atuou como assessora técnica da Coordenação de Apoio ao Transporte Escolar do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação-FNDE. Especializada em educação de alunos superdotados, foi, por 5 anos, assessora técnica da Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação, escrevendo, implementando e coordenando o Projeto de Núcleos de Atividades de Altas Habilidades /Superdotação - NAAH/S nos estados e no Distrito Federal. É consultora na área de superdotação, atuando no atendimento a alunos superdotados e na orientação às famílias, assim como, na formação de professores e na orientação na inclusão escolar desses alunos. Nesta entrevista, concedida a **Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão**, ela fala, sobretudo, do trabalho com crianças que destoam da média a que a escola tradicionalmente está habituada, cujas ações não abrangem satisfatoriamente nem as superdotadas, nem as infradotadas ou com necessidades especiais.

Renata Maia nos ajuda a entender melhor a função social da instituição escolar – seja a pública, seja a particular – em relação a esses sujeitos de direitos.

Conecte-se! - A Constituição Federal de 1988, denominada “Constituição Cidadã”, instituiu uma nova realidade em relação à educação brasileira, que se pretende cada vez mais inclusiva. Nesse cenário, há ainda espaço / justificativa social para a existência de escolas especializadas?

¹ Professora do Departamento de Letras da PUC Minas. Coordenadora Adjunta do CESPUC. Coordenadora editorial de Conecte-se! Revista Interdisciplinar e da Revista do Instituto de Ciências Humanas. Coordenadora do PIBID PUC Minas.

Renata: Sim, acredito. Como você citou, a Constituição Federal de 1988, no artigo 227, reconhece a criança como sujeito de direitos definidos, que devem ser respeitados pelos pais, pela sociedade e pelos serviços educacionais. Penso que a tendência é a escola trabalhar no sentido de atender às diferenças entre os estudantes. No caso da superdotação, que está inserida no âmbito da educação especial, a legislação é ampla e garante o atendimento do superdotado na rede de ensino. A LDB é clara ao reconhecer e estabelecer a inclusão desse aluno com garantias de atendimento educacional especializado. O que ocorre é a falta de cumprimento dessas leis e o grande desconhecimento sobre esse tema, por parte das escolas e educadores em geral.

Conecte-se! - De modo geral, as Escolas (aqui tomadas metonimicamente, em substituição a sua equipe pedagógica), tanto as públicas quanto as particulares, estão preparadas para lidar com os alunos que constituem um “segmento mediano”, com demandas de aprendizagem que constituem um espectro regular (usual) de dificuldades, bem como apresentam expectativas de alcance de certo desempenho (haja vista, por exemplo, ranqueamentos de escolas por meio de IDEB, de desempenho no ENEM, etc.). Os extremos – tanto os alunos infra quanto os superdotados – acabam representando um grande desafio para a Escola e seus atores. Comente, por favor, o que têm mostrado seus estudos e experiências em relação a esse contexto.

Renata: Sim, esses alunos representam um grande desafio. A forma como são constituídas, em sua grande maioria, as grades escolares e as metodologias de ensino, conduz o professor a um sistema enrijecido de aula, com pouco ou nenhum tempo para atender as diversidades em sala. No entanto, quando se trata de crianças no espectro das deficiências, há um apelo social e uma certa compaixão, no sentido de atender esse aluno. Já em relação ao superdotado, existe o mito de que ele é “super” e não precisa de atendimento, apoio, assistência ou acompanhamento. Assim, são relegados à própria sorte e costumam enfrentar problemas desde o isolamento social, a rejeição e o *bullying*, o mau comportamento em sala de aula, a tendência ao suicídio, à evasão escolar, etc.. Por outro lado, existe o direito legal desses alunos de serem atendidos e hoje um grande arcabouço teórico que suporta orientações e informações sobre essa área.

Conecte-se! - Ainda nesse mesmo cenário, dos alunos que se inscrevem nos extremos de uma curva normal de aprendizagem, como a Sr.^a vê o papel das famílias com relação às demandas específicas desses alunos? Há variações em relação à procedência socioeconômica dos alunos?

Renata: O papel das famílias é sempre o de buscar as melhores formas de atendimento a seus filhos e isso tem sido uma grande batalha, quando falamos de superdotados. Conforme comentamos, não existe na rede de ensino (particular e pública) um conhecimento específico sobre a superdotação. Eu diria até que a rede pública em todos os aspectos da inclusão escolar vem se preparando melhor do que a rede particular. A rede pública tem a pretensão de cumprir a lei e seguir as determinações políticas do Ministério da Educação e dos Conselhos de Ensino. Já a escola particular, em grande parte, segue sem essa atenção.

Foram implantados nos Estados Brasileiros e no Distrito Federal, Núcleos de Atividades de Altas Habilidades-NAAHS, em 2005, e de lá para cá esse tema foi mais difundido e em alguns estados a rede pública vem trabalhando um pouco mais sobre esse tema, mas ainda existe pouco apoio político/institucional para a ampliação desse conhecimento. Na rede particular, temos acompanhado uma grande resistência em se abordar o assunto e, como consequência, alunos com diversos problemas desde acadêmicos até afetivos e familiares sem nenhum amparo, tendo que recorrer aos Ministérios Públicos. Uma pena porque estamos renegando e marginalizando nossos talentos. Uma contradição para um país em desenvolvimento que clama por profissionais criativos e talentosos, por economia criativa, por inovação, temas tão frequentes nas mídias e solicitados nas empresas.

Conecte-se! - No caso dos alunos que apresentam demandas específicas – tanto os infradotados ou com necessidades especiais ou com altas habilidades / superdotação – podem apresentar um quadro que, usualmente, é tido na escola como de “indisciplina”. Na sua visão, é possível trabalhar com esses alunos, na escola regular, com um currículo único, com as mesmas estratégias empregadas com os demais alunos?

Renata: Com um currículo único, penso que os professores conseguem atender apenas cerca de 50% de seus alunos. Nenhum tipo de diversidade é atendido nesse formato. Isso já é bem discutido na área de educação. Principalmente em relação às deficiências ou à superdotação, um formato “tamanho único” não atende. É como se três amigas fossem a uma boutique que vende roupas “tamanho único”, provavelmente só uma ou nenhuma sairia dessa loja com algo que servisse.

Os superdotados necessitam ser desafiados, precisam de um currículo mais compacto, com conteúdo mais complexo em termos de profundidade e maior amplitude de conhecimento. Geralmente apresentam problemas de comportamento porque se sentem entediados, desinteressados, uma vez que já conhecem ou dominam os conteúdos abordados em sala de aula.

Para eles, é recomendada a modificação ou diferenciação curricular, que vai desde a compactação dos conteúdos, o enriquecimento curricular e a aceleração de ensino.

Conecte-se! - Compreendo que a ideia / o objetivo de ser cidadão é algo que, em grande parte, é engendrado no espaço escolar, ou seja, essa etapa de convivência e aprendizagem é constitutiva do futuro cidadão. No caso dos alunos superdotados, porém, ocorre de alguns “pularem etapas”, isto é, de apresentarem desempenho tão além de sua faixa etária, que se inserirão em grupos de idade bem superior. Isso não cria um novo problema, do ponto de vista socioemocional e afetivo para esses indivíduos? Há indicação de algum acompanhamento específico, nesses casos?

Renata: A literatura estrangeira é vastamente ampla sobre esse tema e no Brasil já temos pesquisas sobre aceleração de ensino. Primeiramente devemos lembrar que, ao se adotar qualquer tipo de intervenção com um aluno, deve-se prever o acompanhamento e os efeitos dessa ação. Com a aceleração de ensino ou o avanço de série não seria diferente. Esse acompanhamento dificilmente é previsto e não há como fazer ajustes no caminho. Quando adotamos um procedimento, sempre devemos considerar a hipótese de se precisar voltar atrás, mesmo tendo sido tudo muito bem planejado. Tendo dito isso, lembro que a literatura sobre o tema e os resultados de pesquisa indicam fortemente o avanço de série para alunos academicamente superdotados (em todas as áreas do currículo escolar) e com pouquíssimos resultados que apontam falta de ajustamento socioemocional. Isso porque alunos superdotados geralmente se identificam com pessoas mais velhas, que entendam sua linguagem mais rebuscada ou sofisticada e que entendam seus interesses que são mais avançados daqueles de seus pares em idade.

Conecte-se! - A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) elenca competências básicas indispensáveis a qualquer estudante brasileiro. Partindo da ideia de uma Informática Aplicada à Educação, como pensar a inclusão de alunos com Necessidades Especiais (NEE) e Superdotados em escolas com poucos recursos, tais como, de modo geral, no contexto atual, a maioria das escolas públicas brasileiras ainda o é?

Renata: Nesse sentido, sem apoio político e sem material necessário fica muito difícil mesmo, porque seria no mínimo necessário contar com computadores, não é mesmo? Mas algumas escolas têm feito parcerias para atender esses alunos, com: bibliotecas, instituições particulares, empresas,

laboratórios e até mesmo tribunais ou órgãos públicos e bancos que doam materiais e computadores.

Conecte-se! - Ainda com relação a esse tema, sua experiência mostra que o acesso a novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) pode ajudar na formação desses educandos ou esse fator é sobrepujado por outras estratégias a que os docentes possam recorrer?

Renata: Penso que ajuda muito. Não se pode avançar em um mundo pós-contemporâneo sem falar em novas tecnologias. O que tem ocorrido que o acesso a tudo isso é muito escasso, ocorrendo mais nas capitais e grandes regiões metropolitanas. Nos interiores esse acesso é muito remoto. Os professores fazem o que podem e a maioria das escolas é desassistida.

Conecte-se! - A inclusão de toda a gama de alunos, na escola regular, criou aos professores um desafio enorme no que tange à formação acadêmica que recebem – a maioria, de fato, não está preparada para atender, de forma eficiente, a alunos com necessidades especiais ou altas habilidades / superdotação. Para além do desejo de trabalhar com tais alunos, é necessária uma formação mínima, que permita identificar as demandas dos alunos e planejar / ofertar um atendimento adequado. Como esses professores poderiam se instrumentalizar melhor?

Renata: Certamente a formação dos professores, no sentido de reconhecer as diferenças de seus alunos, é imprescindível. É importante que tenham informações sobre os diferentes tipos de necessidades educacionais especiais definidos nas leis e que conheçam as orientações legais sobre os tipos de atendimento. No entanto, existem os professores especialistas para cada tipo de necessidade e que estão preparados para ajudar o professor de sala de aula a fazer esse atendimento tanto em sala quanto o contraturno em salas especializadas. O que não se pode fazer é deixar o professor sozinho com essa demanda, sem apoio da instituição e sem a colaboração de um profissional especializado. E nesse sentido também, se desfazer do modelo “tamanho único” é importante.

Conecte-se! - A Sr.^a poderia indicar algumas obras que considera indispensáveis, uma biblioteca mínima, para os docentes que desejarem aprofundar um pouco seu olhar sobre o tema dos alunos com altas habilidades / superdotação?

Renata: Sim, claro. Existe uma coleção do Ministério da Educação de que pode ser feito o *download*. São quatro volumes que abrangem quase tudo que é importante se conhecer sobre o tema: Série de 4 livros: **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Superdotação** (FLEITH, Denise S. Ed., 2007; Virgolim, 2007) [http://portal.mec.gov.br/ Secretaria de Educação Especial / Publicações](http://portal.mec.gov.br/Secretaria%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Especial/Publica%C3%A7%C3%B5es).

Além dessa coleção:

ALENCAR, Eunice M. L. S.; FLEITH, Denise S. **Superdotados:** determinantes, educação e ajustamento. São Paulo: E.P.U., 2001.

FLEITH, Denise de Souza; ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. Desenvolvimento de Talentos e Altas habilidades- Orientação a Pais e Professores. Editora: Artmed, 2007.